

Sementes crioulas e socioagrobiodiversidade: experiências camponesas em Orizona e Vianópolis – GO

Heirloom seeds and socio-bioagricultural diversity: peasant experiences in Orizona and Vianópolis – GO

Semillas criollas y socioagrobiodiversidad: experiencias campesinas en Orizona y Vianópolis – GO

Wellington Martins Ribeiro
Universidade Federal de Goiás
wellingtonmrbeiro05393@gmail.com

Dinalva Donizete Ribeiro
Universidade Federal de Goiás
dinalvadr@gmail.com

Resumo

As variedades crioulas estão presentes em diversas Comunidades camponesas no Brasil. Elas são vetoras de conhecimentos tradicionais, diversificam a produção, a renda, a alimentação e as práticas socioculturais, potencializando a socioagrobiodiversidade. Em duas Comunidades localizadas no estado de Goiás identificamos seis famílias guardiãs de variedades e, por meio da observação participante e de entrevistas, constatamos que, no total, são cultivadas 146 variedades de plantas e criadas três espécies de animais crioulos - diversidade considerada elevada. O manejo está associado a práticas agroecológicas e/ou orgânicas e o uso das variedades favorece o modo de vida camponês nas Comunidades.

Palavras-chave: variedades crioulas, socioagrobiodiversidade, campesinato, agroecologia.

¹ Pesquisa realizada entre 2015 e 2017 pelo primeiro autor, sob orientação da segunda autora, em nível de mestrado junto ao Programa de Pós-graduação em Agronegócio, na Escola de Agronomia da Universidade Federal de Goiás, com financiamento da CAPES, por meio de bolsa de estudos. Houve participação integral de ambos os autores no processo de elaboração do texto, na análise e na divulgação dos resultados obtidos pela pesquisa.

Abstract

Heirloom varieties are present in several peasant communities in Brazil. They are important agents for traditional knowledge, production diversity, income, food and socio-cultural practices, and enhanced socio-bioagricultural diversity. In two communities located in the state of Goiás, we identified six families as guardians of these varieties. Through participant observation and interviews, we discovered that 146 plant varieties were cultivated and three species of heirloom animals were raised, which is considered high diversity. Management is associated with agroecological and/or organic practices and the use of varieties facilitate the peasant way of life in these communities.

Keywords: heirloom varieties, socio-biological diversity, peasantry, agroecology.

Resumen

Las variedades criollas están presentes en diversas Comunidades campesinas en Brasil. Ellas son portadoras de conocimientos tradicionales, diversifican la producción, los ingresos financieros, la alimentación y las prácticas socioculturales, potencializando la socioagrobiodiversidad. En dos Comunidades ubicadas en el estado de Goiás identificamos seis familias guardianas de variedades y, por intermedio de la observación participante y entrevistas, constatamos que, en total, son cultivadas 146 variedades de plantas y creadas tres especies de animales criollos - diversidad considerada elevada. El manejo está relacionado a prácticas agroecológicas y/o orgánicas y el uso de las variedades favorece el modo de vida campesino en las Comunidades.

Palabras clave: variedades criollas, socioagrobiodiversidad, campesinado, agroecología.

*“No ventre da Terra, bendita, sagrada
Num sono profundo espera o grão.
O bafo da chuva que a tudo desperta
E brota o milagre no dorso do chão
E um cheiro de vida vestido de verde
Renasce da noite num novo clarão
Eu sou sentinela de todos os genes
Eu sou das sementes feliz guardião!*

*Caminho descalço no peito da Terra
Preparo canteiros, remexo o chão
Espalho sementes, projetos de vida
Que trago acolhidos na concha da mão
Milênios-segredos da Mãe natureza
Que a Terra devolve em forma de pão
Sou grato, preservo, repito, replanto
Eu sou das sementes fiel guardião!”²
-Manoelito Xavier e Victor Batista*

Introdução

As famílias camponesas, por meio de seus conhecimentos, suas técnicas produtivas e seu modo de vida, têm sido guardiãs de um dos recursos mais importantes

² “Guardiões das Sementes”, música que compõe o disco “Coração Caminhador” do violeiro Victor Batista (2018).

para a agricultura, para a alimentação e para a vida: a agrobiodiversidade. Desde os primeiros registros da agricultura, entre 12.000 e 10.000 anos antes do presente, a coevolução entre o homem e as espécies agrícolas por meio da domesticação tem garantido o provimento dos recursos necessários para a manutenção da vida e do labor dos agricultores e das agricultoras: alimento, matéria-prima, energia, fibras assim como a produção de cultura, saberes-fazer, história, entre outros (MAZOYER; ROUDART, 2010; SANTILLI, 2009).

Nos sítios camponeses, a agrobiodiversidade, que, em acordo com Santilli (2009, p. 92) “engloba todos os elementos que interagem na produção agrícola, os espaços cultivados [...], as espécies direta ou indiretamente manejadas [...] e a diversidade biológica a elas associadas”, também abriga as variedades de sementes, mudas e raças crioulas que, segundo Beviláqua et. al (2014), são produzidas por agricultores e agricultoras, podendo ser de origem local, de outras regiões do país ou outros países, mas que, através do seu cultivo em determinado local, passam pelo processo de adaptação específica ao ambiente, podendo, assim, passar a serem chamadas de crioulas.

O estudo da agrobiodiversidade e de sua importância aos grupos camponeses e às comunidades tradicionais contribuiu para a consolidação da agroecologia enquanto saber produzido culturalmente e ancorado territorialmente, reconhecendo o saber empírico das agricultoras e dos agricultores, aproximando a academia e a realidade camponesa. Há intenso debate sobre a natureza científica e/ou empírica da agroecologia (ROSSET, ALTIERI, 2018) exigindo que mais pesquisas revelem a capacidade genuína de famílias e comunidades camponesas em promover a agroecologia, a despeito do conceito e do status científico que esta tenha alcançado nas últimas três décadas.

Assim, justifica-se a ênfase nas variedades crioulas, sendo elas um elemento importante à produção agroecológica, que é natural e historicamente praticada na/pela a agricultura camponesa, embora, na prática, não haja preocupação, por parte das famílias, em nominar seus processos produtivos como sendo agroecológicos. Esta é uma preocupação acadêmica, em dar precisão aos conceitos. Vale ressaltar que, embora a “prática agroecológica” seja inerente aos primórdios das práticas agrícolas pela sociedade humana, são recentes os estudos e o reconhecimento da agroecologia no âmbito das universidades. Foi a partir da década de 1980 que eles ganharam relevo nas pesquisas e ações de cunho acadêmico.

A partir do momento em que nos debruçamos sobre a agrobiodiversidade mirando a relação ontológica que os grupos, as famílias e/ou as comunidades estabelecem com o ambiente, seus elementos e seus componentes, passamos a considerá-la socioagrobiodiversidade (que é constituída, também, do sentido que as pessoas que vivem em um dado lugar dão ao que lhes circunda). O sentido atribuído pelas pessoas à natureza carrega, ao mesmo tempo em que promove, especificidades e possibilidades diversas.

As possibilidades estão contidas nas especificidades e expressam “diferentes graus de adaptação e metamorfose dos saberes e das práticas produtivas locais frente ao processo modernizador dos territórios”, garantindo a “reprodução de territorialidades contra-hegemônicas” que são ancoradas em “imaginários de natureza distintos daqueles praticados pelo capital”, com destaque para a agricultura de base ecológica enquanto expressão de territórios alternativos (FLORIANI, RIOS e FLORIANI, 2013, p. 92), e, no contexto desse modelo de agricultura, com destaque às sementes, mudas e raças crioulas.

Esta análise se ancora no paradigma ecológico,

cujo ponto central está na compreensão das interações não hierárquicas entre os diferentes seres e seus 'ambientes'; ao deslocar o sujeito cartesiano – aquele que concentra em si a possibilidade de conhecer e, portanto, de ser o ponto de partida de toda a observação – o paradigma ecológico desfaz a própria noção de ambiente como cenário inerte (isto é, natural), onde se desenrola as ações (de seres culturais e naturais) (VELDEN; BADIE, 2011, p. 27).

Metodologia

Os municípios de Orizona e Vianópolis estão localizados na mesorregião Sul do estado de Goiás, na microrregião Pires do Rio e no Território Estrada de Ferro, conforme pode ser observado na figura 01.

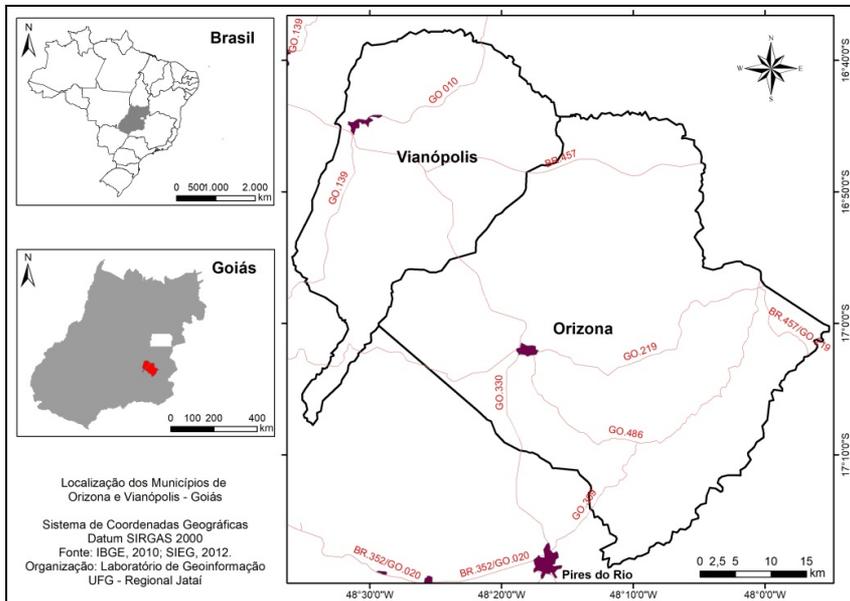


Figura 01: Mapa de localização dos municípios de Orizona e Vianópolis (GO).

Fonte: IBGE (2010); SIEG (2012). Organização: Laboratório de Geoinformação, UFG – Regional Jataí (2016).

Foi escolhida, por conveniência, uma comunidade em cada um destes municípios, objetivando conhecer os processos de produção de variedades crioulas e contribuir com a sistematização do que ali se produz, pois, de acordo com o Movimento Camponês Popular (MCP), existem poucos estudos desenvolvidos sobre as variedades crioulas na região.

As famílias foram localizadas, inicialmente por intermédio do MCP e, em seguida, a partir dos primeiros contatos, por indicação dos guardiões e das guardiãs, num processo metodológico nominado “bola de neve” (MARAFON, 2013).

A comunidade Taquaral está localizada a 9 km da sede do município de Orizona (GO). Possui cerca de 240 habitantes distribuídos em 87 unidades produtivas, que em sua maior parte, possuem entre três e seis alqueires³ onde são desenvolvidas atividades agrícolas e pecuárias (LEMES, 2010). Nesta Comunidade foram identificados três guardiões e uma guardiã de variedades crioulas.

A comunidade Santana está distante cerca de 35 km da sede do município de Vianópolis (GO). Não foi possível aferir o número exato de habitantes e de unidades produtivas, mas as entrevistas sugerem que há entre cinquenta e oitenta pessoas vivendo ali, que possuem elevado grau de parentesco e que estão distribuídas em cerca de vinte e cinco unidades produtivas. Foram identificados um guardião e uma guardiã de variedades crioulas nesta Comunidade.

Logo, ao final, foram entrevistados quatro guardiões e duas guardiãs, seis pessoas no total.

Foram realizadas três visitas de campo: a primeira, na comunidade Santana, para acompanhamento da rotina da família 1, entre os dias 17/05/2016 e 21/05/2016. A segunda visita, na mesma Comunidade, foi junto à família 2, entre os dias 13/06/2016 e 18/06/2016 para o acompanhamento da rotina de trabalho e o levantamento das variedades usadas na Comunidade. A terceira visita, em ambas as Comunidades foi realizada entre os dias 16/11/2016 e 27/11/2016, quando as 6 famílias foram novamente visitadas, para a conclusão da pesquisa.

As técnicas usadas para se obter os dados e as informações primárias foram a entrevista semiestruturada, o diário de campo e a observação participante. Estas técnicas estão associadas à pesquisa qualitativa e garantem maior qualidade na coleta de dados e informações não mensuráveis (GERHARDT; SILVEIRA, 2009).

No nosso caso, em que a pesquisa buscava dados relacionados à organização social das Comunidades, aos sistemas produtivos desempenhados nos sítios, às variedades crioulas, às etapas de produção (preparação do solo, plantio, tratos culturais,

³ No estado de Goiás, a medida de um alqueire corresponde a 4,84 hectares.

colheita, limpeza, seleção e armazenamento das sementes e o modo de criação dos animais), tais técnicas foram bastante apropriadas.

Foi realizado o levantamento das variedades usadas em cada sítio, com registro fotográfico (Figura 02) da diversidade dos espaços produtivos. Acompanhando a rotina das famílias dos guardiões e das guardiãs, observamos de maneira participativa os espaços produtivos das variedades e raças crioulas, com atenção às suas origens, aos detalhes da produção e do armazenamento e ao uso dado por cada família ao que se é produzido no âmbito do consumo e/ou da comercialização.



Figura 02: Diversidade e organização dos espaços produtivos nos sítios pesquisados.

Legenda: a) variedades de feijões crioulos; b) espaço produtivo consorciado; c) agricultor colhendo sua produção; d) consórcio de milho e adubos verdes.

Fonte: Trabalho de campo (2016). Organizado pelos autores (2017).

Resultados e Discussões

A produção de variedades crioulas se consolidou nas comunidades Taquaral e Santana expressando resiliência por parte das famílias no contexto da consolidação das grandes lavouras, que se aportam em variedades híbridas e transgênicas. Ambas as Comunidades têm sido cercadas por monocultivos, sobretudo de soja, desde a década de 1980. As práticas agrícolas intensivas, com instalação de pivôs, pulverização com agrotóxicos, contaminação do solo, da água e das sementes vêm interferindo na produção e na renda das famílias e das Comunidades da região (LEMES, 2010).

Floriani, Rios e Floriani (2013, p. 90) afirmam que, de acordo com a teoria ecológica, entende-se que quanto maior a diversidade estrutural e organizacional de um sistema maior será sua capacidade de resistir e se adaptar às mudanças impressas; no caso das Comunidades em questão, impressas por fatores externos.

Para compreender essa capacidade destaca-se o conceito de resiliência, que os autores (com base em Seixas e Berkes, 2005) assim conceitua:

Pelo viés ecológico, a resiliência de um ecossistema diz respeito à sua capacidade de tolerar distúrbios mantendo sua estrutura e seus principais processos e funções; Desde a perspectiva antropossocial, a resiliência dos sistemas sociais diz respeito à sua capacidade adaptativa, isto é, a capacidade que um ecossistema socioecológico possui de aprender, organizar-se e adaptar-se frente a distúrbios sem perder sua estrutura e função. Assim, a resiliência sociocultural seria capaz de articular as esferas simbólicas, produtivas e políticas de natureza, articulando conhecimento local com as ciências (FLORIANI, RIOS e FLORIANI, 2013, p. 89-90).

A produção das variedades de sementes, mudas e raças crioulas ganham maior importância se compreendida nesse contexto, já que diversifica os cultivos, as atividades e a fonte de renda promovendo relações sociais de produção carregadas de especificidades e possibilidades diversas.

Nestas Comunidades somam-se seis famílias produzindo variedades crioulas, três delas estão vinculadas ao Movimento Camponês Popular (MCP).

O MCP é um movimento autônomo, de massa e de militantes criado no estado de Goiás em 2008, com atuação em âmbito nacional. Um dos seus eixos principais é o fortalecimento de ações de resgate, de multiplicação e melhoramento das variedades crioulas. Entende-se que, desta forma, as demandas das famílias camponesas por soberania alimentar serão atendidas, além de possibilitar alternativa de renda a partir das sementes (MOVIMENTO CAMPONÊS POPULAR, 2015).

Cada família possui uma guardiã ou um guardião que, de acordo com Beviláqua et. al. (2014), são aquelas produtoras ou aqueles produtores rurais que desenvolvem técnicas de cunho sociocultural e são responsáveis pelo resgate, pela manutenção e dispersão de materiais crioulos; são aquelas e aqueles que detêm informações sobre o saber-fazer das atividades no campo, papel usualmente desempenhado pela(o) chefe de família.

Foi realizada a caracterização das famílias de cada guardiã e guardião, considerando a quantidade de pessoas, a formação escolar, as atividades desempenhadas, os detalhes dos processos produtivos e a área de cada sítio. Estas informações estão descritas no quadro 1 e por meio delas traçou-se o perfil das famílias dos guardiões e das guardiãs de variedades crioulas nas duas Comunidades.

As famílias possuem entre dois e cinco membros, todos envolvidos com as atividades econômicas desempenhadas no sítio. O tamanho das propriedades está na faixa de 3 a 35 hectares, sendo que cada família desempenha pelo menos três atividades geradoras de renda e produz quase que a totalidade dos alimentos consumidos, se aproximando bastante da autossuficiência alimentar.

As famílias 1 e 2 estão localizadas na comunidade Santana, no município de Vianópolis; ambas possuem um agregado familiar, que auxilia nas atividades produtivas. As famílias 3, 4, 5 e 6 estão situadas na comunidade Taquaral, no município de Orizona; as três primeiras dividem o mesmo espaço produtivo e, portanto, estão agrupadas no item “tamanho e origem das propriedades”.

Quadro 1: Informações sobre as famílias, seus sítios e suas atividades nas comunidades Taquaral e Santana

Famílias	Família 1	Família 2	Família 3	Família 4	Família 5	Família 6
Pessoas	R.L.M (Guardiã, Agricultora) F.L.M. (Agricultor, Produtor de leite) D.L.M. (Estudante) C.L.M (Agricultora, Técnica em Agropecuária) J.M. (Agricultor, Produtor de leite, Agregado familiar)	J.J.F. (Guardião, Agricultor, Técnico em Engenharia Mecatrônica) R.F. (Agricultora) J.F. (Tomeiro Mecânico, Agricultor)	C.L. (Agricultor, Produtor de leite) I.L. (Agricultora)	R.L. (Guardião, Agricultor, Técnico em Agropecuária) I.C. (Professora, Agricultora e Artesã)	M.I.L. (Agricultora, Artesã, Produtora de leite) A.L. (1) (Agricultor, Trabalhador Rural, Produtor de Leite) A.L. (2) (Estudante de nível superior) A.L. (3) (Funcionário público)	Z.G. (Produtor de leite, Agricultor, Guardiã) A.P. (Agricultora, Artesã) M.E. (Estudante) A.L. (Estudante)
Comunidade (Município)	Santana (Vianópolis)	Santana (Vianópolis)	Taquaral (Orizona)	Taquaral (Orizona)	Taquaral (Orizona)	Taquaral (Orizona)
Atividades geradoras de renda e alimentos	*Produção de polvilho para venda e produção de panificados *Produção de leite para venda e consumo *Produção de milho para silagem e consumo *Hortaliças para consumo *Produção e venda das sementes crioulas	*Produção de hortaliças para venda e consumo *Produção de mandioca para venda e consumo *Produção de sementes crioulas	*Produção de leite para venda e consumo *Produção de suínos para consumo *Criação de peixes para consumo *Produção de sementes crioulas	*Produção de banana, feijão, mandioca para venda e consumo *Produção de frango caipira para venda e consumo *Artesanato *Produção e venda das sementes crioulas	*Produção de leite para venda e consumo *Trabalho rural/vaqueiro *Artesanato *Produção de sementes crioulas	*Produção de leite para venda e consumo *Produção de panificados para venda e consumo *Quitandas *Produção de linguças defumadas para venda *Produção de polpa para venda e consumo *Produção e venda sementes crioulas
Tamanho e origem da propriedade	34, 9 ha. Resultado de parcelamento por herança	3,08 ha. Comprada em set/2014	Soma de 27 ha. Resultado de parcelamento por herança		13,11 ha. Resultado de divisão de parcelas por herança	

Fonte: Elaborado pelos autores, 2018.

Verificou-se que todas as famílias são diversas nas formas de comercializar e obter renda.

O comércio dos produtos se dá em várias frentes, como: na Feira do Agricultor Familiar, em Orizona e para o Programa Nacional de Alimentação Escolar⁴, nos casos das famílias 4 e 6; para cooperativas, nos casos de venda de leite por parte das famílias 1, 3, 5 e 6; com a venda de hortaliças diretamente ao consumidor, por parte da família 2; em vendas de panificados e linguiças artesanais, realizadas em casa pela família 6. Já a venda das sementes crioulas acontece por meio da compra governamental.

Além dos processos de comercialização, registrou-se a prática de escambos e trocas de alimentos e produtos, entre as famílias das comunidades.

Nos seis sítios pesquisados e em seus espaços produtivos (roças e quintais) identificou-se, com a ajuda das guardiãs e dos guardiões: 33 espécies de ervas aromáticas, condimentares e medicinais; 28 espécies de plantas frutíferas; 22 espécies de hortaliças; 9 espécies madeireiras; 7 espécies de adubos verdes; 3 de plantas nativas. Ainda: 17 de feijão; 10 de milho; 5 de cará; 5 de mandioca; 4 de batata-doce; uma de café; uma de cana-de-açúcar; uma de arroz.

Foram encontradas plantas espontâneas com potencial de consumo, das quais as famílias não fazem uso, mas as deixam no ambiente por agregarem sombreamento ou matéria orgânica aos seus cultivos.

Quanto às raças animais, identificou-se uma raça de gado bovino chamada na região de “girolando voltado”, três raças de suínos (porco colher, porco comum e porco quatro pernis) e uma de galinha/frango caipira.

As áreas de produção das famílias em Taquaral e em Santana apresentam diversidade bastante superior se comparadas às lavouras existentes ao seu redor, onde são plantadas, no máximo, duas culturas anuais, no sistema de alternância milho-soja ou milho-feijão, a depender das demandas e possibilidades do ano/calendário agrícola.

Aqueles sítios são lócus da agrobiodiversidade e servem como refúgio para incontáveis espécies e indivíduos da fauna que ali se instalam em busca do conforto ambiental e alimentar necessários à sua reprodução e sobrevivência. Como consequência, quanto mais povoado e diverso, no âmbito da flora e da fauna, estes locais tornam-se mais complexos e menos frágeis a estresses ambientais ou antrópicos.

Foram identificados três grupos de variedades de sementes, mudas e raças reproduzidas pelas famílias das duas Comunidades. O primeiro grupo é de sementes e

⁴ Essa forma de comercialização resulta da Lei nº 11.947 de 16 de junho de 2009 determinando que, no mínimo 30% do valor repassado aos estados, municípios e Distrito Federal pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) deve ser utilizado na compra de alimentos provenientes da agricultura familiar, especialmente de assentamentos de reforma agrária, comunidades tradicionais indígenas e quilombolas.

mudas que são consideradas crioulas, oriundas das sementes distribuídas pelo Movimento Camponês Popular (MCP) na regional do Território Estrada de Ferro⁵. O segundo grupo está relacionado às variedades de sementes, mudas e raças oriundas de outros estados do Brasil (São Paulo, Minas Gerais, dentre outros), mas que são manejadas pelas famílias da região há mais de dez anos. O terceiro grupo é composto por sementes híbridas, que são utilizadas de maneira irregular e emergencial (apenas quando não há variedades crioulas da espécie desejada).

Observamos que, de início, os camponeses e as camponesas não elencaram as variedades do segundo grupo como crioulas, mas quando indagamos sobre a origem e o manejo delas, constatou-se que podem ser consideradas de tal forma. O terceiro grupo está relacionado a variedades híbridas, transgênicas ou “melhoradas” por institutos de pesquisa. Estas são usadas de maneira esporádica, como um suporte à produção ou quando não há variedades crioulas disponíveis.

A seguir, estão elencadas as principais variedades crioulas observadas nas áreas produtivas dos sítios.

Quadro 2: Variedades crioulas dos grupos 1 e 2 encontradas nas comunidades Taquaral e Santana.

Grupos	Variedade	Comunidade Santana	Comunidade Taquaral
Grupo 1	Milho	Branco, Caiano, Pipoca, Eldorado, Maia, Roxo, Sol da manhã, Taquaral	Asteca (Cunha), Eldorado, Pipoca Roxo, Roxo, Sol da manhã
Grupo 1	Feijão	Azuki, Cavallo Pampa, Fradinho, Jalo Rajado, Jalo Riscado, Preto, Rosinha, Roxo, Zebrinha	Amarelo, Batatinha, Franguinho, Jalo Amarelo, Jalo Escuro, Jalo Rajado, Jalo Rosa, Jalo Riscado, Preto, Rosinha, Roxinho, Roxo, Sangue de Boi, Zebrinha
Grupo 2	Cará	-	Angola, Cará Inhame, Labanca, Mimoso e Roxo
	Adubos verdes	Crotalária, Feijão de Porco, Gergelim Branco, Girassol, Guandu, Mamona (Preta e Rajada), Mucuna (Cinza e Preta)	Crotalária, Feijão de Porco, Gergelim Branco, Guandu, Mucuna (Preta)
	Abóbora	Bahianinha	Bahianinha
	Arroz	Primavera	Primavera
	Fibras	Bucha, Cabaça, Moringa	

⁵ Território Rural composto por 14 municípios, em cujos domínios passa uma ferrovia para transporte de cargas: Bela Vista de Goiás, Bonfinópolis, Caldazinha, Cristianópolis, Gameleira de Goiás, Leopoldo de Bulhões, Orizona, Palmelo, Pires do Rio, Santa Cruz de Goiás, São Miguel do Passa Quatro, Silvânia, Urutaí e Vianópolis (MDA, 2015).

	Mandioca	Amarela, Cacau Branca, Verdinha	Amarela Baiana, Cacau Branca, Vassourinha
Grupos	Variedade	Comunidade Santana	Comunidade Taquaral
Grupo 2	Frutíferas	Abacate, Acerola, Amora, Ata, Banana (Maçã e Marmelo), Caju, Carambola, Figo, Goiaba (Araçá, Branca e Roxa), Graviola, Laranja (Comum, Pêra, para Doce) Jaboticaba, Limão (China, Galeguinho, Tahiti), Mamão (Amarelo), Manga (Bourbon, Comum, Rosa), Maracujá, Mexerica (Canela e Cravo), Morango, Pitanga, Tamarindo	Abacate, Abacaxi, Açaí, Acerola, Amora, Banana (Maçã, Nanica e Marmelo), Cajamanga, Caju, Carambola, Goiaba (Branca e Roxa), Graviola, Laranja (Comum, Pêra e Januni), Limão (China, Galeguinho e Tahiti), Mamão (Amarelo e Rosa), Manga (Bourbon, Leitinha, Pequi e Sabina), Maracujá, Maracujina, Mexerica (Canela e Cravo), Pitanga, Romã, Tamarindo
Grupo 2	Nativas	Angá, Gueroba, Pequi	Angá, Gueroba, Pequi

Fonte: Elaborado pelos autores, 2018.

As variedades do grupo 1 estão mais intimamente relacionadas à alimentação das famílias e de suas criações, sendo comumente cultivadas no início da estação das chuvas, em outubro/novembro. São realizados consórcios baseados nos saberes tradicionais campestres, como do milho com a mandioca e o feijão. Algumas famílias optam por fazer sucessão de cultivos, destinando anualmente o espaço para uma cultura diferente daquela plantada no ano anterior. Também é usada a técnica de corredores agroecológicos, com a disposição em linhas de milho, feijão e adubos verdes. Em relação à tecnologia mecânica, é usado trator para a aração e plantadeira para o milho. As demais etapas e outras tarefas são realizadas manualmente.

Alguns tratos culturais como a capina e o desbaste são realizados na forma de mutirões ou trocas de dias, o que indica a cooperação e a solidariedade entre as pessoas da Comunidade. Quando há sobrecarga de trabalho para além da capacidade das famílias e dos agregados, são contratados trabalhadores diaristas, que, por vezes, são pessoas da própria Comunidade que, se estão menos onerados de afazeres, realizam atividades remuneradas nos sítios de vizinhos.

As variedades do grupo 2 são cultivadas ou criadas durante o ano todo e estão melhor adaptadas às características edafoclimáticas locais, exigindo menos cuidados se comparadas às variedades do grupo 1. Sua destinação é diversa: alimentação, comercialização, usos medicinais, madeiros, etc. As famílias realizam a limpeza em capinas e faz a reposição do material germinativo após o fim do ciclo produtivo, garantindo a reprodução das variedades. Os animais são criados de forma semi-intensiva e alimentados por produtos de variedades crioulas como o grão do milho e sua palha, a casca de mandioca, dentre outros.

As variedades do grupo 1, por serem dispostas em roçados, demandam uso intensivo do trabalho, como capinas, desbastes, irrigação (em casos de milho crioulo não consorciado) e colheita mecanizada. Do grupo 2 há que se destacar a mandioca que também requer capina, desbaste, colheita manual e separação dos tubérculos; as demais plantas deste grupo demandam poucos recursos materiais e humanos: depois de instaladas, no geral, exigem apenas podas e irrigação (no caso das frutíferas).

As sementes destinadas ao cultivo são armazenadas em garrafas pet⁶, vasilhames de vidro ou sacos de papel e são usadas para o plantio na safra seguinte. As mudas são repostas ou trocadas entre as famílias, sendo esta atividade liderada pelas mulheres. Todas as pessoas da família se envolvem na produção das variedades de ambos os grupos e, neste processo, fortalecem vínculos entre si. Aí se observa a reprodução material e sociocultural da família camponesa.

A renda das famílias tem origem nas atividades desempenhadas dentro dos sítios e na comercialização dos seus produtos, como o leite, o polvilho, a farinha, as hortaliças, os animais de corte, os ovos, o artesanato.

A venda das sementes crioulas compõe, também, a renda das famílias. Sua comercialização é realizada por meio de venda direta à Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB). Este canal, seus trâmites e transações resultam de ações desenvolvidas pelo MCP. As sementes de milho, feijão e arroz são priorizadas na comercialização, sendo vendidas de forma padronizada, em sacos de papel de 20 kg. Uma vez adquiridas, a CONAB as direciona às populações em situação de vulnerabilidade socioeconômica, de acordo com normas da política própria da Companhia. A renda gerada pela produção de sementes é um estímulo às famílias continuarem com esta prática produtiva.

As atividades desempenhadas pelas famílias são apreendidas por meio do conhecimento empírico que, por sua vez, é transmitido entre as gerações (WOORTMANN, WOORTMANN, 1997). Ainda, a inclinação para o policultivo, próprio das variedades crioulas, promove efeito positivo na composição da dieta das famílias, que se abastecem, majoritariamente, de alimentos produzidos por elas mesmas: o arroz, o feijão, as frutas, os legumes, as verduras, o milho e seus derivados, a mandioca e seus derivados, as carnes, o leite e seus derivados que compõem a comida do dia-a-dia são produzidos ali mesmo, no próprio sítio, pelas próprias mãos.

Outro aspecto observado de forma positiva é a troca de produtos entre as famílias, já que se produz muito em quantidade e em diversidade e nem tudo é consumido no âmbito da família. Muitos itens e alimentos são trocados e doados num sistema típico da tradição camponesa de se enviar algo de uma família à outra (biscoitos, doces, verduras, carnes, etc.) de forma a “fazer um agrado”, isto é demonstrar a estima e a amizade que se tem por aquela família. Em momento posterior, quem recebeu, quando

⁶ As garrafas pet são fabricadas com o PET – Poli (Tereftalato de Etileno), poliéster, polímero termoplástico e oferecem resistência mecânica e química aos produtos nela contidos, sendo eficientes para o armazenamento de sementes.

possível e conveniente, retribui o “agrado”, enviando à família doadora algum item ou alimento de igual valor. Esta prática além de reduzir o desperdício e otimizar o aproveitamento dos alimentos, se constitui em uma prática de solidariedade que reforça a aproximação entre as famílias da Comunidade.

Há, também, a trocas de variedades crioulas que garante a quantidade, a qualidade e variabilidade das sementes, mudas e raças nas Comunidades, redundando em mais alternativas quanto ao quê produzir e em menor perda de materiais genéticos. Além de aumentar a variedade genética, minimizam-se riscos no processo produtivo e reduzem-se custos de produção; por consequência, será maior a diversidade, a produtividade e a renda obtidas. Assim, pode-se caminhar na direção da segurança e da soberania alimentar.

Sobre segurança e soberania alimentar, constatou-se que poucos são os alimentos comprados ou buscados fora dos sítios. Os mais usuais são o sal, o óleo de soja, o açúcar, a farinha de trigo. Daí conclui-se que a produção de variedades crioulas converge com uma alimentação mais sã e coerente com a cultura alimentar regional.

Compreende-se que o incremento da agrobiodiversidade, em função da produção das variedades crioulas e do seu consequente policultivo é um importante aspecto a ser considerado, já que os quintais e as roças são verdadeiros viveiros na medida em que abrigam uma infinidade de espécies e, neles, todos os elementos têm um significado, uma razão para existir e compor a agrobiodiversidade, nos mesmos moldes apontados por Shiva (2003). A heterogeneidade é transmitida, dentro dos agroecossistemas, aos elementos que os compõem (sementes, solos, plantas, microorganismos, insetos, animais, famílias, etc.) gerando sistemas de vida complexos e, por isso, diversos.

Em um mesmo espaço produtivo, têm-se infindáveis combinações e variedades de cultivos de plantas e criações de animais baseadas em conhecimentos tradicionais, que redundam em práticas próprias do modo de vida camponês. Daí pode-se falar em socioagrobiodiversidade.

Este cenário nos remete a Porto-Gonçalves (2006), que constatou que os locais de maior diversidade agrícola estão relacionados àqueles de maior diversidade linguística e a Ribeiro (2003, p. 53), quando afirma que “a diversidade cultural interage de maneira dinâmica com a diversidade biológica, assim como a diversidade agrícola e cultivada interage com a diversidade silvestre, num processo contínuo recíproco”, concluindo que as áreas com maior biodiversidade no planeta coincidem com as áreas de maior diversidade cultural.

Diante disso reforçamos a constatação de que a prática de policultivos é, por excelência, própria da lógica camponesa, uma vez que dá suporte à reprodução material e sociocultural das famílias.

Nota-se, então, quando e como as variedades crioulas favorecem a reprodução camponesa: se elas (as variedades) redundam em policultivo e, se este, por

consequência, demanda e promove (causa e consequência articuladas) práticas agroecológicas, naturalmente o processo produtivo desembocará em produção mais diversificada e em maior demanda de mão de obra. Estes dois fatores irão promover, por sua vez, maior grau de relacionamento entre as pessoas da mesma família e entre as famílias da comunidade. Aspectos salutareos à reprodução camponesa se darão espontaneamente: solidariedade, reciprocidade, trocas, reprodução material e imaterial das famílias, esforço de gestão da complexidade, já que quanto mais diversos mais complexos serão os espaços e os processos produtivos.

Logo, resulta afirmar que as sementes crioulas produzem vida e diversidade nos sítios e nas comunidades camponesas pesquisadas, funcionando como potencializadoras da socioagrobiodiversidade naqueles lugares.

Considerações finais

Verificou-se que a produção de variedades crioulas nas comunidades de Taquaral e Santana se dá de maneira diversa e em sistemas produtivos complexos, utilizando-se de princípios agroecológicos e/ou orgânicos, do trabalho familiar e baseada em práticas e saberes tradicionais.

Algumas variedades são originárias das próprias Comunidades, já outras são cultivadas há mais de uma década nas Comunidades, no entanto têm origem em outras regiões do Brasil. Nem todas são consideradas crioulas por parte das camponesas e dos camponeses, isso porque os conceitos e as classificações técnicas, acadêmicas e dos movimentos sociais nem sempre convergem com a perspectiva analítica camponesa.

A lida com as variedades de sementes, raças e mudas crioulas promove o incremento da agrobiodiversidade, favorece a complexidade nos agroecossistemas, amplia a renda (por meio da comercialização em canais acessíveis aos grupos camponeses), potencializa a soberania e a segurança alimentar (a partir da quantidade e qualidade dos alimentos produzidos), reforça a culinária regional (possibilitando a prática de hábitos e costumes relacionados à dieta alimentar e a forma de preparo e consumo tradicionais) e impacta positivamente as famílias camponesas e suas comunidades.

Por fim, conclui-se que a produção de sementes crioulas traz consigo aspectos próprios do universo camponês e das especificidades locais e que seu estudo é atual e necessário, a dar visibilidade à (re)produção física e imaterial camponesa.

Referências

BEVILÁQUA, G. A. P.; et. al. Agricultores guardiões de sementes e ampliação da agrobiodiversidade. *Cadernos de Ciência e tecnologia*, Brasília, v.31, n.1, p.99-118, jan/abr 2014.

FLORIANI, N.; R.; FRANCISCO T; FLORIANI, D. Territorialidades alternativas e hibridismos no mundo rural: resiliência e reprodução da sociobiodiversidade em comunidades tradicionais do Brasil e Chile meridionais. *Polis, Revista Latinoamericana*, volumen 12, nº 34, 2013, p. 73-94.

GERHARDT, T. E; SILVEIRA, D. T. *Método de pesquisa*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2009.

LEMES, K. da C. *Produção familiar e territorialidades: os desafios dos produtores rurais da comunidade Taquaral em Orizona (GO)*. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Goiás. Catalão, 2010.

MARAFON, G. J. et al.(Org): *Pesquisa qualitativa em geografia: reflexões teórico-conceituais e aplicadas*. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 2013.

MAZOYER, M; ROUDART, L. *História das agriculturas no mundo: do neolítico à crise contemporânea*. (tradução FERREIRA, C.F.F.B.) São Paulo: Editora UNESP; Brasília: NEAD, 2010.

MOVIMENTO CAMPONÊS POPULAR. *Nossa história*. 2015. Disponível em: <<http://www.mcpbrasil.org.br/features/nossa-historia#sthash.BPWxBPXR.dpuf>>. Acesso em 27 de agosto de 2015.

PORTO-GONÇALVES, C. W. *A Globalização da natureza e a natureza da globalização*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

ROSSET, P.; ALTIERI, M. Agroecología, ciencia y política. Traducción: Abel Porras. Barcelona. Icaria Editorial, 2018.

RIBEIRO, S. Camponeses, biodiversidade e novas formas de privatização. In: CARVALHO, H. M. de. (org) *Sementes: Patrimônio do povo a serviço da humanidade*. Ed. Expressão Popular. São Paulo, 2003.

SANTILLI, J. *Agrobiodiversidade e direito dos agricultores*. São Paulo: Peirópolis, 2009.

SHIVA, V. *Monoculturas da mente: perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia* (tradução AZEVEDO, D. A.). São Paulo: Gaia, 2003.

VELDEN, F. V; BADIE, M. C. A relação entre natureza e cultura em sua diversidade: percepções, classificações e práticas. *Avá: dossier natureza & cultura*. nº 19. Junio de 2011, p. 15-47

WOORTMANN, E. F.; WOORTMANN, K. *O trabalho da terra: a lógica e a simbólica da lavoura camponesa*. 1 ed., v.I. Brasília-DF: Ed. UnB, 1997.

Wellington Martins Ribeiro

Mestre em Agronegócio pela Universidade Federal de Goiás e graduado em Gestão do Agronegócio pela Universidade de Brasília.

Endereço: Núcleo Rural Bonsucesso, chácara 84, 2 etapa, CEP: 73307994 Brasília-DF.

Email: welingtonmribeiro05393@gmail.com

Dinalva Donizete Ribeiro

Professora no Setor de Desenvolvimento Rural; Escola de Agronomia; Universidade Federal de Goiás.

Endereço: Universidade Federal de Goiás. Escola de Agronomia. Campus Samambaia. Av. Esperança s/n. CEP. 74.690-900. Goiânia – GO

Email: dinalvadr@gmail.com

Recebido para publicação em junho de 2018
Aprovado para publicação em janeiro de 2019